

## **DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL, VIDA E CARREIRA: história de professores atingidos pelo mal-estar docente**

Jurema Rosendo dos Santos<sup>1</sup>

Lúcia Gracia Ferreira<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Sabemos que têm sido crescentes as causas que tem levado ao mal-estar docente, pois o profissional da educação vem se adaptando a grandes pressões e demandas familiares, institucionais, do meio social etc. Este mal está vinculado ao ambiente de trabalho e como o professor encara isso perante a sociedade, afetando assim sua forma habitual de agir e ser normalmente, tanto em sua vida pessoal quanto profissional. Nessa perspectiva, este trabalho tem como base teórica autores como Gonçalves (1992), Esteve (1995, 1999) e Ferreira (2014) e tem como objetivo compreender como viviam os professores atingidos pelo mal-estar docente e como desenvolviam na carreira docente após esse mal. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória no ano de 2014, com dois professores da Educação Básica atingidos, entre os anos de 2006 e 2012, pelo mal-estar docente. Primeiramente, buscamos conhecer o perfil desses professores e para isso utilizamos o questionário; posteriormente, convidamo-los para falar das suas vidas através da entrevista narrativa, realizada individualmente. Dessa forma, os dados da pesquisa foram coletados, catalogados e analisados. As histórias contadas deram pistas de quão suscetíveis são esses sujeitos e o que desencadeou essa vulnerabilidade. Ainda, pudemos constatar diferenças no desenvolvimento profissional marcada, principalmente, pelas histórias de vida. Assim, as narrativas das histórias de vida foram indispensáveis para alcançar o objetivo proposto, pois através dessas foi possível conhecer a história pessoal e profissional do sujeito que narra e

1 Pedagoga pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: [ju.remarosendo@hotmail.com](mailto:ju.remarosendo@hotmail.com).

2 Professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Pós-doutora pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Educação pela UFSCar. E-mail: [luciagferreira@ufrb.edu.br](mailto:luciagferreira@ufrb.edu.br).

o entrelaçamento das vivências que vão delineando o desenvolvimento da carreira profissional docente.

**Palavras-chave:** Mal-estar docente. Memória. História de vida.

**PROFESSIONAL DEVELOPMENT, LIFE AND CAREER:** story of teachers affected by teaching malaise

### **ABSTRACT**

We know that the causes that have led to teacher malaise have been increasing, because the professional of education has been adapting to great pressures and also family, institutional, social demands, etc. This illness is linked to the work environment and how the teacher sees that in society, thus affecting their normal way of acting and being normally both in their personal and professional life. In this perspective, this work is theoretically based on authors such as Gonçalves (1992), Esteve (1995, 1999) and Ferreira (2014) and it aims to understand how the teachers affected by teacher malaise lived and how was their development in the teaching career after this illness. Therefore, a qualitative and exploratory research was held in 2014, with two teachers of basic education affected by the teacher malaise between the years of 2006 and 2012. First, we sought to know the profile of these teachers and for this we used a questionnaire; later, we invited them to talk about their lives through a narrative interview, conducted individually. Thus, the survey data were collected, cataloged and analyzed. The stories given show how susceptible are these subjects and what triggered this vulnerability. Still, we found differences in professional development, which were mainly marked by the life stories. Thus the narratives of life stories were indispensable to achieve the proposed objective, because through these it was possible to know the personal and professional story of the subject and that tells the interweaving of experiences that will outline the development of the teaching career.

**Keywords:** Teaching malaise. Memory. Life's history.

## **DESARROLLO PROFESIONAL, VIDA Y CARRERA:** historias de profesores afectados por el malestar docente

### **RESUMEN**

Sabemos que han sido crecientes las causas que han llevado al malestar docente, pues el profesional de educación viene adaptándose a grandes presiones y demandas familiares, institucionales del medio social, etc. Este mal está vinculado al ambiente de trabajo y como el profesor enfrenta eso frente a la sociedad, afectando así su forma habitual de actuar y ser normalmente, tanto en su vida personal como profesional. Mirando de esta forma, este trabajo tiene como base teórica autores como Gonçalves (1992), Esteve (1995, 1999) y Ferreira (2014) y tiene como objetivo comprender como vivían los profesores afectados por el malestar docente y como desarrollaron su carrera docente después de sufrir este mal. Para eso, fue realizado un estudio cualitativo y exploratorio en el año de 2014, con dos profesores, para eso utilizamos el cuestionario; después, los convidamos para hablar sobre sus vidas por medio de una entrevista narrativa, echa individualmente. De esta manera, los datos de la encuesta fueran recogidos, catalogados y analizados. Las historias contadas dieron pistas de lo tanto que son susceptibles esos sujetos y lo que originó esa vulnerabilidad. Todavía, hemos visto las diferencias en el desarrollo profesional marcado, principalmente, por las historias de vida. Así, las narrativas de las historias de vida fueron indispensables para alcanzar el objetivo propuesto, pues por medio de estas fue posible conocer las historias personales y profesionales del sujeto que habla y el entrelazamiento de las vivencias que van alimentando el desarrollo de la carrera profesional docente.

**Palabras clave:** Malestar docente. Memoria. Historia de vida.

### **Introdução**

Têm sido crescentes as causas que tem gerado o mal-estar docente, pois o profissional vem se adaptando a crescente

pressões e demandas familiares, institucionais, do meio social (as mudanças acontecem muito rápido) etc. Dessa forma, os professores ficam mais vulneráveis e suscetíveis a doenças. Assim, devido a esses acontecimentos, uns são atingidos por esse mal e outros não, devido às diferenças presentes em suas histórias de vida e a individualidade de cada um. A forma como cada um lida com esse mal também está relacionado às suas trajetórias.

Sendo assim, é constante, em vários momentos, professores reclamando, insatisfeitos com a carreira, sempre questionando a renda salarial, e em outras situações descontentes com a falta de reconhecimento, de respeito por parte da sociedade; dessa forma, isso despertou em nós a curiosidade de conhecer melhor o tema e gerou uma necessidade de aprofundar os nossos conhecimentos a respeito das dificuldades enfrentadas pelos professores em sua carreira, tais como as doenças adquiridas, os afastamentos, a falta de concentração e de realização de um trabalho bem elaborado.

Destacam-se também as situações de professores estressados, histéricos, agressivos em sala de aula e que, por alguma razão, sempre colocam a culpa em algo ou alguém pelo seu fracasso. Dessa maneira, esse tema despertou em nós uma necessidade de ir além, de chegar perto, de conhecer os reais motivos de tanta revolta e sofrimento. Profissionais em muitos casos com uma ampla experiência em sala de aula, mas que são atingidos pelo mal-estar docente. Nesse ínterim, o professor, em alguns momentos, se esquece de que ele é um ser humano e que possui suas falhas e faltas, e acaba passando uma imagem de ser indestrutível à sociedade, que se aproveita da situação para agredi-lo.

O mal-estar na docência é tão preocupante como em qualquer outra profissão. O Ministério da Saúde do Brasil (2001) reconhece a “Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional” como um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho que atinge tanto os

professores como os trabalhadores em geral. Merecendo, assim, atenção por parte de todos os envolvidos e interessados, todo um corpo precisa de equilíbrio e por que não o corpo docente de uma instituição? Os professores precisam se conscientizar de suas dificuldades e limitações e precisam, acima de qualquer situação, cuidar de sua saúde tanto profissional como pessoal, para poderem desempenhar suas funções e desenvolver um bom trabalho. Além do mais, outra face desse problema está relacionada à sociedade, pois precisa compreender que o professor é um ser como outro qualquer, capaz de adoecer e de se afastar de suas atividades e que necessita de atenção e respeito por parte de todos.

Nessa perspectiva, esperamos encontrar, mediante as narrativas das histórias de vida desses professores, tudo que essas histórias puderem nos revelar, já que o sujeito tem liberdade para falar sobre si. Na verdade, as histórias contadas vão dando pistas de quão suscetíveis estão esses sujeitos e o que desencadeou essa vulnerabilidade. Dessa forma, as narrativas são indispensáveis para alcançar os objetivos aqui propostos, pois através dessas será possível conhecer a história pessoal e profissional do sujeito que narra, e o entrelaçamento das vivências que vão delineando o desenvolvimento da carreira profissional docente.

Segundo Gonçalves (1995), vários são os fatores que interferem no curso da carreira – casamento, gravidez, doenças (mal-estar). Dessa forma, os acontecimentos da vida de um professor também vão fazendo o caminho (ou mudando-o) de sua carreira profissional. Assim, esta pesquisa tem como objetivo compreender como viviam os professores atingidos pelo mal-estar docente e como passaram a desenvolver a carreira docente após esse mal. Este trabalho refere-se a uma pesquisa qualitativa e exploratória que está sendo realizada desde o segundo semestre do ano de 2013, com dois professores da educação básica atingidos, entre os anos de 2006 e 2012, pelo mal-estar docente.

Para isso, primeiramente, buscamos conhecer o perfil desses professores e utilizamos o questionário; posteriormente, convidamo-los para falar das suas vidas através da entrevista narrativa, realizada individualmente, no ano de 2014. Dessa forma, os dados da

pesquisa foram coletados e catalogados. As histórias contadas deram pistas de quão suscetíveis estão esses sujeitos e o que desencadeou essa vulnerabilidade. Ainda pudemos constatar diferenças no desenvolvimento profissional destacadas, principalmente, pelas histórias de vida. Vale ressaltar que todas as informações apresentadas no texto, relacionadas aos pesquisados, foram autorizadas por eles, para fins de pesquisa.

### **Mal-estar docente**

Cada vez mais tem-se exigido do profissional docente. Com as constantes transformações ocorridas na sociedade, com os avanços das tecnologias, a estrutura familiar já não é mais a mesma devido à saída da mulher para o mercado de trabalho, com tudo isso muitas das funções que antes eram responsabilidade da família foram transferidas para a escola, tornando o professor um profissional de maior compromisso e responsabilidade.

Estas e outras variáveis acabam por resultar no que hoje em dia se caracteriza como mal-estar docente, um termo adotado no início por Esteve (com tradução para o Brasil em 1999) e que relata a situação desconfortável, intrigante e de muita preocupação vivida pelos professores que estão cada vez mais desmotivados ou com problemas de saúde, prejudicando, assim, todo um plano de trabalho ou carreira.

O mal-estar docente é uma realidade que há muito tempo e cada vez mais afeta profissionais da área da educação em todo o mundo. Este mal se caracteriza por doenças que atingem os professores, geralmente ocasionadas pelas condições e excesso de trabalho.

Esteve (1995, 1999) aborda em seus estudos as considerações acerca do adoecimento do profissional da educação, caracterizando-o como mal-estar docente. Essas obras fornecem parâmetros conceituais, históricos e causais voltados para o assunto.

Várias são as condições para a constituição do mal-estar docente, como destaca Esteve (1999), pois separa as causas do mal-estar

em dois grupos, primeiramente os secundários ou contextuais, que estão relacionados ao ambiente de trabalho, no contexto em que se exerce a docência, tais como: o aumento da responsabilidade e exigências sobre o professor, dificultando, em alguns casos, o reconhecimento de sua própria identidade; o aparecimento de novas tecnologias em que alguns professores conseguem manuseá-las e se adaptar, já outros não; vários questionamentos sobre os valores a serem transmitidos por esses profissionais; papéis contraditórios, o professor amigo, orientador, avaliador; desvalorização do trabalho docente, incorporação de novos conhecimentos e avanço contínuo do saber; uma imagem distorcida perante a sociedade transmitida pelos meios de comunicação, tais como violência, confrontos e política.

E, em segundo, os primários ou principais, que estão relacionados diretamente à ação do professor em sala de aula, gerando tensões, ligados a sentimentos e emoções negativas, como: a falta de recursos didáticos; limitação em algumas instituições da atividade docente; a agressão por parte dos alunos, como depredação, agressão física, drogas, agressões verbais e insultos; autoridade docente colocada à prova pelos discentes; esgotamento docente, falta de tempo para realizar as diversas responsabilidades.

Como efeito, perante a pressão das diversas fontes de tensão presentes no ensino, o professor põe em prática diversos mecanismos de defesa, que baixam a qualidade da educação, servindo para aliviar a tensão a que o professor está submetido (ESTEVE, 1995). Isso resulta em várias consequências, ou seja: sentimento de desajustamento e insatisfação perante os problemas reais da prática do ensino, em aberta contradição com a imagem ideal do professor; pedidos de transferência, como forma de fugir das situações conflituosas; desenvolvimento de esquemas de inibição como forma de limitar a implicação pessoal com o trabalho que se realiza; desejo manifesto de abandonar a docência; absentismo laboral, como mecanismo para cortar a tensão acumulada; esgotamento como consequência da tensão acumulada; estresse; ansiedade; depreciação do eu, autoculpabilização perante a

incapacidade de ter sucesso no ensino; reações neuróticas; depressão; ansiedade com estado permanente associado em termos de causa efeito a diagnósticos de doença mental.

Esteve (1999) salienta que é importante esclarecer que as repercussões psicológicas da tensão a que estão submetidos os professores são variáveis, operando de formas diferentes conforme alguns fatores, os quais estão relacionados à experiência do professor, seu *status* socioeconômico, seu sexo e o tipo de instituição em que ele ensina, pois parecem ser os mais relevantes. Portanto, vale apontar também algumas das principais consequências do mal-estar docente, isto é, diante de todo o processo de aquisição e transição do mal é certo que suas marcas ficariam evidentes, trazendo grandes efeitos negativos para a vida destes profissionais.

O absentismo trabalhista e o abandono da profissão, segundo Esteve (1999), surgem como efeitos de prioridade decorrente do mal-estar, originando, assim, relações interpessoais superficiais, o professor se torna mais rígido em sala de aula, sem espaço para questionamentos; o absentismo representa uma forma de aliviar tensões em excesso, levando os docentes a realizar pedidos de licença ou ausência em pequenos períodos, e em alguns casos os afastamentos oficiais.

A inibição e o absentismo costumam ser as reações mais frequentes para acabar com a tensão resultante do trabalho docente. O professor restringe a implicação pessoal, despersonalizando a docência e a relação com os alunos, tornando-as superficiais. Assim, a atuação em sala de aula torna-se mais rígida, o professor procura não transmitir o que pensa ou o que sente, explicando apenas o conteúdo, sem estabelecer relações com o que os alunos vivem. O professor põe limite ao uso da palavra, tornando-se dogmático e autoritarista para neutralizar sua ansiedade. De acordo com Nicholls (1975 apud ESTEVE, 1999), o dogmatismo é uma boa atitude de defesa para os professores que experimentam ansiedade ante seus alunos. De fato, segundo Nicholls, quando se aumentam as atitudes dogmáticas, a ansiedade



diminui (NICHOLLS, 1975 apud ESTEVE, 1999). A inibição não é uma atitude mantida desde o início da carreira docente, mas uma maneira que o professor encontra para reduzir as implicações e as tensões que daí se derivam.

Quanto ao absentismo, a maioria dos professores que pede licença médica é pela razão de estresse e tensão. Uma pesquisa realizada por Stern (1980 apud ESTEVES, 1999) aponta que o aumento dos índices de absentismo está relacionado com a baixa motivação pelo trabalho, com a existência de más relações com os colegas de trabalho, com a falta de promoção constatada pelos professores, a falta de material e equipamentos. Ele afirma ainda que nos anos iniciais da profissão docente quase não existe o sentimento de absentismo, isso começa a se situar após os cinco primeiros anos da experiência profissional, após o período de iniciação, o ponto em que começa a manifestar o absentismo.

Aparece, portanto, como uma forma de buscar um alívio que permita ao professor escapar momentaneamente das tensões acumuladas em seu trabalho. Recorre-se, então, aos pedidos de licença trabalhistas ou, simplesmente, a ausência do estabelecimento escolar por períodos curtos, que exigem não mais do que uma justificativa. (ESTEVE, 1999, p.63).

Os períodos de maior incidência de absentismo são os finais de trimestres e ao final do curso, devido a acumulações de tensões nas ocasiões de antecedência das avaliações. E apresenta como última opção ou gesto de sinceridade pelos professores o abandono total e real da profissão, em que o professor reconhece explicitamente o seu fracasso na docência, procurando outros meios de sobreviver, no gesto de respeito a si mesmo e aos seus alunos.

Em virtude das várias consequências derivadas do mal-estar docente, o esgotamento é uma das que se evidencia, levando os professores a abandonar a carreira, em situações em que a doença física e mental já é fato consumado em sua vida, e ao inverso do abandono

preferem continuar a lecionar, usando os medicamentos antidepressivos como rota de fuga, de reequilíbrio e readaptação, de solução de problemas, que, na verdade, vão continuar existindo.

Outro fator que também é de grande relevância nas causas de mal-estar docente são todos os preconceitos e barreiras com os quais os profissionais em início de carreira irão se deparar dentro das instituições de ensino, afirmando também que as instituições ditam regras e normas diferenciadas entre profissionais, onde muitos são desfavorecidos e outros privilegiados. Nessa perspectiva, Esteve (1999) e Cavaco (1995) afirmam que os professores em início de carreira estão mais vulneráveis devido à falta de segurança e à inexperiência, começando sua carreira nos postos mais difíceis, onde são oferecidas menos oportunidades de desenvolvimento profissional, em condições de trabalho em desvantagens, assumindo os horários que ninguém mais quer, uma vez que os professores veteranos sempre escolhem primeiro – esses fatores são formas de desencadear o mal-estar docente. Conforme Cavaco (1995, p. 163):

Nas escolas os sistemas de distribuição dos trabalhos contribuem para acentuar as suas dificuldades. A escolha de horários reserva lhes os últimos lugares que correspondem, ou as turmas da tarde, e/ou a leção de alunos considerados difíceis, e/ou a simples conjuntos de horas dispersas, somando turmas e níveis de anos heterogêneos. O clima de trabalho encontrado é confirmativo dos receios que transportam, daquilo de que se aperceberam como alunos ou do que ouviram. Um ecrã de invisibilidades e de desconfianças recíproco torna incompreensível os diferentes pontos de vista, as perspectivas que os animam e as dificuldades que enfrentam.

De acordo com a autora, os professores se movimentam em um mesmo espaço, mas não se encontram, não se relacionam uns com os outros, na troca de informações e apoio, levando os novos professores a acatamento acrítico das normas do funcionamento cotidiano da escola, a aceitação das hierarquias implícitas. Nesse contexto, acabam

aconselhando que se ocultem os problemas, que as dificuldades sejam confessadas, mas não assumidas no coletivo, buscando apoio de forma discreta, a fim de que se passe uma imagem de domínio das situações, uma simulação de sucesso profissional.

Cavaco (1995) informa que a sequência desse mal-estar profissional são as frustrações, desânimo, descrença, cepticismo, fechamento a mudanças e às possibilidades de inovações, o que pode tornar-se um ciclo vicioso a justificar a alienação e um progressivo desinvestimento, pois,

Atrás da homogeneização institucional, o corpo dos professores do ensino secundário é constituído por um tecido de grande complexidade, distinguindo-se os seus elementos pela origem socioeconômica e regional como pelos níveis de cultura e de formação, ou pelos percursos escolares e profissionais. Tudo isso se pode refletir na profissão por ligações institucionais e fidelidade à comunidade científica e técnica diferenciadas, pelo acesso assimétrico aos centros de informações, por conflitos de caráter corporativo, por concepções diversas da profissão que opõem dinâmicas de desagregação a necessidade de trabalhar em equipe que a escola lhe supõe.

O gigantismo da instituição e a mediocridade de meios de trabalho – escolas incompletas e degradadas, material pedagógico escasso e antiquado, escassez de recursos financeiros – mantêm a insatisfação, generalizam o mal-estar, justificam a descrença e o abandono da profissão por muitos e opõem-se a um desenvolvimento harmonioso e integrado da identidade profissional do professor. As relações de poder que estruturam a organização dos estabelecimentos de ensino pressupõem-se nas representações que demarcam os professores antigos dos recentes, os de casa e os “de passagem”, os licenciados e os outros, os efetivos e os provisórios, os da manhã, os da tarde e os da noite, os das disciplinas “nobres” e os das disciplinas que são como que atividades de animação, e ainda os “para-quedistas”, os “mercenários” [...]. (CAVACO, 1995, p. 173).

Quando falamos em mal-estar docente nos remetemos apenas à ideia e compreensão da falta de recursos, à desvalorização

salarial, dentre outros já referidos; no entanto, Cavaco nos alerta para outros modos de considerar o mal-estar docente, ou seja, dentro da instituição, do corpo docente, que é bem mais complexo do que podemos imaginar. As instituições e os próprios professores criam rótulos entre si, promovendo a divisão de grupos dos mais capacitados e exclusão daqueles novatos, sem experiências, e até o *status* de professores que ensinam matérias mais importantes ou de peso maior dentro das escolas. Nessa perspectiva, os docentes veteranos são privilegiados, sabem onde estão todos os materiais disponíveis, remetendo à ideia da falta de apoio entre si. Existe um clima de ódio e de competição desnecessária, frequentemente, nos centros educacionais (STOBAUS, 2007 apud ESTEVE, 1999). Neste caso, os próprios professores e a instituição, ao agirem de tais maneiras, são também causadores do desencanto da docência e do processo de degeneração.

Em relação à desvalorização da profissão docente, é preciso também ser levada em consideração outra questão: há aqueles professores que ensinam, mas que não gostam de ensinar, que dão aulas apenas porque precisam de um ganho a mais, não levando a profissão a sério, os chamados “mercenários”. Isso tudo acumula pontos para a visão da sociedade em relação aos professores que são criticados por não exercerem um trabalho eficiente. Por causa de uma minoria, a maioria é desvalorizada e criticada, causando sentimentos negativos nos profissionais da educação.

Os profissionais docentes estão sendo estimulados e levados a se responsabilizar pela qualidade na educação de forma tão agravante que passam a acreditar que necessitam refazer seu ser e seu fazer, pois, caso não façam isto, estarão comprometendo o sucesso dos indivíduos aos quais educam, e até o desenvolvimento da nação (VIEIRA et al., 2010).

Com o mal-estar docente, os professores vêm perdendo a vontade e o prazer em exercer a profissão. Com o passar do tempo, os desgastes conduzem uma grande quantidade destes a estranhar seu local de trabalho, seus colegas, os alunos/estudantes e sua profissão.

Outro fator que também contribui nesta categoria para o desgaste e o desânimo do profissional da educação são as formas de tratamento do poder público, visto que, cada vez mais, menos é feito em prol da valorização do profissional da educação, mencionando, aqui, as péssimas condições de trabalhos às quais o professor é submetido, a cobrança de resultados positivos, onde a escassez de material é a realidade do dia a dia.

Na última década, por exemplo, o professorado tem sido apontado como grande responsável pelo fracasso do sistema escolar público. Esse discurso vem interpelando os docentes, principalmente da escola pública de Ensino Fundamental e Médio (ANADON; GARCIA, 2004; HYPOLITO et al., 2002 apud VIEIRA et al., 2010). O que se vê é que os professores levam a culpa pelos resultados negativos da educação e são interrogados, julgados e responsabilizados, tanto pela sociedade quanto pela sua própria consciência.

As professoras estão sendo pressionadas e estimuladas a se responsabilizarem pela qualidade na educação de forma tal que passam a acreditar que, caso não repensem o seu ser e o seu fazer, estarão comprometendo o sucesso dos sujeitos que educam, tanto quanto o próprio desenvolvimento da nação (ANADON; GARCIA, 2004 apud VIEIRA et al., 2010, p.4).

Existe um discurso pronto por parte do governo, das mídias e da própria sociedade sobre o “ser” professor, como uma pessoa que deve se dedicar sempre e cada vez mais a seu ofício, em melhorias da qualidade da educação, independentemente das condições de submissão de trabalho. Acreditamos que isso ocorra pelo fato de muitos, ou a maioria, atrelarem à profissão docente a concepção de vocação, que foi escolhida por amor, que deve ser exercida com mera dedicação e passividade, que o professor tem o dever de aceitar suas dificuldades como sacrifício, sem questionamentos e com conformismo.

Dessa maneira, diante de toda a responsabilidade e cobrança exercida sobre o professor, é inegável que tudo isso resulte em

consequências de pressão psicológica, de onde brotam doenças que estão relacionadas ao desgaste emocional, colocando em risco a saúde mental e física do profissional docente.

Dessa forma, têm sido crescentes as causas que tem levado ao mal-estar docente, pois o profissional da educação busca se adaptar a crescentes pressões e demandas familiares, institucionais, do meio social (as mudanças acontecem muito rápido) etc., tornando-se vulneráveis a doenças.

### **Desenvolvimento profissional, vida e carreira docente**

Sobre o desenvolvimento profissional, este está relacionado a toda a vida e a história de vida, envolvendo aspectos pessoais que nos ajudam a constituir profissionais. Esse desenvolvimento envolve os momentos de pré-socialização, marcados principalmente pelas experiências pessoais e escolares; a formação inicial e continuada; e os períodos da carreira profissional docente. Assim, segundo Marcelo Garcia (1999, p. 144):

O desenvolvimento profissional é entendido como o conjunto de processos e estratégias que facilitam a reflexão dos professores sobre a sua própria prática, que contribui para que os professores gerem conhecimento prático, estratégico e sejam capazes de aprender com a sua experiência.

O desenvolvimento profissional não se inicia quando nos inserimos na profissão. Este é anterior, envolve toda a vida e aquilo que aprendemos, envolve as experiências adquiridas e as aprendizagens construídas ao longo da vida. Ou seja, o desenvolvimento profissional envolve as histórias de vida. Os períodos da carreira docente brasileira são marcados pela iniciação, segundo os estudos de Ferreira (2014), conforme exposto na figura, abaixo:

**Figura 1** - Períodos da carreira feminina no Brasil

<b>Anos de experiência</b>	<b>Períodos</b>
1-5	INICIAÇÃO ▼
5-8	ESTABILIZAÇÃO ▼
8-15	VARIAÇÃO (+ ou -) ▼
15-18	EXAMINAÇÃO ▼
18-20	SERENIDADE ▼
20-25	FINALIZAÇÃO

Fonte: Ferreira (2014).

**Figura 2** - Períodos da carreira masculina no Brasil

<b>Anos de experiência</b>	<b>Períodos</b>
1-5	INICIAÇÃO ▼
5-8	ESTABILIZAÇÃO ▼
8-14	VARIAÇÃO (+ ou -) ▼
14-22	EXAMINAÇÃO ▼
22-25	SERENIDADE ▼
25-30	FINALIZAÇÃO

Fonte: Ferreira (2014).

Dessa forma, esses períodos se diferenciam de homem para mulher (gênero), variando os anos de seu desenvolvimento. São marcados também por aspectos como casamento, gravidez, nascimento do filho, divórcio, tipo de escola (pública ou privada), tipo de situação funcional (efetivo ou contratado) e pressões externas e internas.

Assim, este estudo vem relatar a história de dois professores já entrevistados. Os dois professores participantes desta pesquisa vivenciaram situações muito diferentes no desenvolvimento da carreira profissional docente. Por questões éticas, manteremos em sigilo a identidade dos professores colaboradores desta pesquisa, utilizando os nomes fictícios escolhidos por eles. Neste momento, através de suas narrativas daremos estruturas concretas ao nosso trabalho que é apresentado em forma de casos.

### **Caso 1**

Fábio tem 32 anos, é casado, não tem filhos. É oriundo de família pobre que veio da roça para morar na cidade. Filho de pais analfabetos, ele começou a estudar tardiamente e viu na escola uma oportunidade para crescer na vida. Sempre foi bom aluno, mas nunca alcançou seus objetivos sem sacrifícios.

Aos 18 anos ingressou no mercado de trabalho em uma Indústria de calçados onde permaneceu por oito anos. Quando ainda estava na Indústria, prestou vestibular pela primeira vez para uma universidade pública para Licenciatura em Pedagogia e foi aprovado, mas não cursou nenhum semestre por não ter se identificado com o curso e o abandonou. Prestou vestibular novamente para cursar Licenciatura em Química na mesma universidade e foi aprovado. Após concluir o curso pediu demissão para buscar outras oportunidades. Então, foi aprovado no Programa de Pós-Graduação em Química na mesma universidade.

Enquanto cursava o Mestrado em Química, ele iniciou a carreira docente como professor de Química e Física em uma Escola



da rede privada de Itapetinga-BA no ano de 2011. Ele trabalhava duas manhãs por semana e atuava no 9º ano de Ensino Fundamental II e no 1º ano do Ensino Médio. Passou a trabalhar como professor de Química da Rede Estadual da Bahia, após aprovação em concurso de servidor público, a partir de outubro de 2011. A carreira como servidor público durou pouco, pois a exoneração foi solicitada em maio de 2012. Como professor da Escola privada permaneceu até abril de 2013. Tudo isso aconteceu porque no ano de 2012 o referido professor se deparou com uma situação de mal-estar fisicamente. Seus cabelos começaram a cair e este foi diagnosticado com estresse, ocasionado pela atividade exercida. Isso lhe causou um desconforto inexplicável. Ele ainda foi diagnosticado com derrame ocular devido ao exercício da função.

Marca a carreira desse professor, também, o fato de ter que lidar com alunos indisciplinados e de ter sido ameaçado por alguns deles. Dessa forma, o esgotamento profissional desse professor o levou a ter consequências físicas e emocionais, também a ter uma carreira curta, marcada, principalmente, pelo medo do que os alunos pudessem fazer contra ele e pelos traumas gerados pelo adoecimento. Assim,

Por exercer um ofício estressante, o professor deve se precaver, pois cumprir a missão de formar cidadãos se converte em verdadeiras pelepas que exigem resistência física, estrutura emocional e coragem. A sala de aula, de tão impregnada de ranços e violência, o expõe ao fogo cruzado: de um lado, alunos abnegados; do outro, um sistema falido, que mal ostenta oportunidades, refletindo o abandono, a desistência de propósitos que intensificam o pesadelo maior da educação: a evasão. E, nesse choque de realidade, o professor se torna tão somente um elo perdido. (LAGE, 2013 p. 36).

Ao narrar o fato de ter sido ameaçado por alunos, Fábio revela uma realidade visível à educação: a violência existente dentro da sala de aula, que leva muitos profissionais a sofrerem agressões físicas e verbais, e a se sentirem constrangidos e com medo de atuar como professores.

Fábio destaca aspectos como o baixo salário do professor, que não condiz com o trabalho realizado; a precarização do trabalho docente, cujas condições para a realização das atividades não são dadas pelos governantes; as lentas políticas de valorização docente, pois a aprovação e mudanças legais levam anos para vigorar; o acúmulo de função dos professores, isso porque este trabalhador, além de ser professor, é também “pai, “mãe”, psicólogo”, “avaliador”, “mediador”, “amigo” etc.; os alunos indisciplinados, que na contemporaneidade têm recebido o apoio da família para serem como são; os piores horários de aula, por ser professor iniciante e não ter muita “autoridade” para questionar; e que tudo isso e outros agravantes, como aspectos familiares, contribuem para o surgimento de sentimentos de frustração e de desânimo. De acordo com Barros (2013, p. 29):

Atualmente, o professor percebe-se cobrado a efetuar mudanças em tempo muito pequeno [...] o professor está sobrecarregado de trabalhos, obrigando-se a realizar “uma atividade fragmentada”, na qual deve realizar múltiplas tarefas concomitantemente. A ele, é cobrado lidar com aspectos potencialmente estressores – como baixos salários, escassos recursos materiais e didáticos, classes superlotadas, tensão na relação com os alunos, excesso de carga horária, inexpressiva participação nas políticas e no planejamento – como sorriso simpático, comunicação repleta de gentilezas, inserção equilibrada dos limites, coerência na avaliação a habilidade e capacidade na orientação aos alunos [...] frente a essa lista que parece ser interminável, não pode sequer esquecer-se de olhar para si e se esforçar para lembrar que tem vida própria.

Todos esses agravantes levaram Fábio a refletir sobre o exercício de sua profissão, sendo ele um professor que possui Mestrado em Química, estudou por tantos anos para receber um salário que não compensava todo seu esforço e sacrifício para chegar a tal nível. Além das múltiplas atividades realizadas, ainda levava trabalho para fazer em casa, aonde chegava cansado e estressado, querendo silêncio e, devido a isso, se furtava ao relacionamento com seus familiares, pois queria

paz e silêncio para estudar e planejar suas aulas do dia seguinte. Essa situação o fez se esquecer de que também tinha vida própria e que sua família precisava de sua atenção.

Este era professor iniciante e com menos de três anos de carreira a abandonou. O desenvolvimento profissional foi interrompido e essa foi uma decisão dele, após ter sido atingido pelo mal-estar docente. Para Fábio,

As consequências da doença é porque quando surgiu a questão física e que extrapolou, eu me afastei da sociedade e me escondi por um certo tempo. Eu tinha vergonha de sair na rua, meu cabelo estava grande porque era a única forma de esconder o buraco que tinha se formado no couro cabeludo, e também não estava suportando ter que tomar injeção no couro cabeludo sem anestesia, para drenar a raiz para recuperar. Foi quando eu decidi me afastar da sociedade, e quando eu decidi ir para outra carreira de concursos públicos. Eu me deparei com situações de concursos apenas com o 2º grau pagando R\$ 5,6 mil reais e eu com nível superior ganhando R\$ 900 reais por mês bruto, então essa situação me levou de vez a abandonar a docência. (Fábio, Informação verbal).

É perceptível que Fábio era um professor com qualificações para a função exercida e para a disciplina que lecionava, mas, devido à falta de políticas públicas para agregar o professor iniciante à profissão e de condições para o exercício de suas atividades, pois bem sabemos que por falta de políticas públicas o prestígio do professor está decrescendo, toda a situação vivida por ele contribuiu para a sua decadência profissional.

Sendo assim, este foi atingido pelo mal-estar docente muito cedo. Ferreira (2014, p. 49) relata que muitos professores em início de carreira “[...] se mostram muito vulneráveis ao mal-estar docente e ao abandono da profissão”. Assim, o abandono e o afastamento do professor de sua atividade desencadeiam uma série de dificuldades para a instituição e para a vida do sujeito atingido.

## Caso 2

A professora Diva tem 44 anos e mora em Itapetinga. É divorciada e tem dois filhos. Iniciou a carreira em 1994 como professora concursada da Rede Estadual da Bahia, é graduada em Sociologia e possui Mestrado em Educação. Atualmente ela trabalha com o desenvolvimento de projetos na área de Educação Ambiental na Secretaria Municipal de Educação. Sobre sua história, Diva relata o seguinte:

Eu tive uma infância voltada para o campo, meus avôs eram fazendeiros, pecuaristas, eu vivi muito essa questão do campo, minha adolescência. Aos 17 anos fui morar em Salvador, fiz Estudos Sociais, Sociologia, não pensei que fosse ser professor, não me imaginava. Retornando de Salvador para Itapetinga fiz o concurso do Estado, passei, me identifiquei demais com a área de educação, e o que me levou mais para a área do campo foi no curso de magistério, tinha uma disciplina que dava aula de introdução a Sociologia e Sociologia da Educação. Sociologia da Educação na ementa tinha as escolas comunidades urbanas e eu não tinha as escolas das comunidades rurais, como se chamava na época, hoje se fala educação do campo, e aí introduzi na ementa essas visitas e estudos sobre as escolas do campo, me apaixonei, estou apaixonada até hoje. Sou coordenadora de um projeto [...], eu levo cursos para pais e alunos da zona rural. (Diva, Informação verbal).

Diva relata que as condições desfavoráveis de trabalho e de usufruto da formação continuada e a falta de políticas para isso, ou seja, a falta de apoio para melhorar a sua formação e os problemas financeiros e preocupações emocionais gerados por conta disso provocaram nela uma depressão.

O professor, na atualidade, apresenta-se como um prestador de serviços educativos, construindo assim uma diminuição de chances de realização pessoal e uma insatisfação com o saber, com a produção de conhecimento científica e o desenvolvimento humano. (ALBUQUERQUE, 2013, p. 20).

Muito se ouve a respeito da formação contínua e da necessidade do professor permanecer estudando, mas, por meio do depoimento de Diva, percebemos a falta de apoio para que estes prosperem ao nível de realizar um mestrado e doutorado. Diva não teve incentivo e nem apoio para galgar sua realização em continuar estudando e aprimorando seus conhecimentos. O professor da educação básica ultimamente tem sido visto como um profissional sem perspectivas futuras, que apenas cursa a graduação, achando esta suficiente para que ele permaneça lecionando até sua saída para aposentadoria. Ainda de acordo com Albuquerque (2013, p. 23):

Os problemas da educação no Brasil são antigos e crônicos, buscam-se saídas, muitas vezes paliativas, e o principal protagonista da Educação não tem o seu reconhecimento. Se não houver investimento no professor, proporcionando-lhe condições adequadas de trabalho, salário digno e resgate do seu prestígio junto à sociedade, não haverá transformação da situação vigente.

É preciso investir na valorização do professor, no reconhecimento de sua profissão, em políticas públicas pautadas em salários e condições de trabalho melhores. Ela narra como foi atingida pelo mal-estar docente:

Quando eu cheguei do mestrado dura sem dinheiro, porque eu não tive apoio nenhum para ir, por incrível que pareça só fui porque um deputado estadual conseguiu para que eu saísse de sala de aula para ir para o mestrado, não tive apoio nenhum. Passei uma “pendenga” onde eu estava, o meu projeto inclusive foi em num assentamento sem-terra (MST), 300 km de Aracajú da Capital. Aluguei um apartamento e eu voltei desnorreada, porque sem dinheiro, devendo porque eu aluguei o apartamento lá, sem apoio nenhum do governo e fui acometida de uma depressão que tive de sair da sala de aula, sai da sala por conta disso. (Diva, Informação verbal).

Ela narrou que ficou afastada por três meses de sala de aula e que no período em que ficou trabalhando em sala de aula o seu sentimento como professora foi afetado várias vezes pela questão salarial e que se sentiu desvalorizada, desmotivada. Em suas palavras: “Eu já fui afetada e voltei afetada e ainda mais a retaliação de seus colegas na escola, quando você volta, não respeitam seu horário, não quer saber se você afastou da direção em particular” (Diva, Informação verbal).

Diva ainda relata como foi esse período em que foi atingida pelo mal-estar docente e como buscou superar esse mal: “Eu fiquei frequentando o CAPS, tomando remédios, emagreci 12 quilos, e me envolvi com o esporte, eu fui fazer boxe, me ajudou bastante, o boxe e Deus. Primeiramente Deus, depois o boxe, mas o boxe me ajudou muito na época.” (Diva, Informação verbal).

Diva buscou superar seus problemas com a prática de esportes. De fato, o sujeito utiliza várias estratégias para superar seus problemas. Mas há modos de evitar que o professorado seja atingido por este mal, pois, para Esteve (1995, p. 120), “[...] a chave do mal-estar docente está na desvalorização do trabalho do professor, evidente no nosso contexto social, e nas deficientes condições de trabalho do professor na sala de aula, que os obrigam a uma atuação medíocre, pela qual acaba sempre por ser considerado responsável”.

### **Histórias que se cruzam:** discussão

Ao analisar as histórias de vida de Fábio e Diva, tivemos o objetivo de descrever os modos como se constituíram professores, seu desenvolvimento profissional e formação. Nessa perspectiva, as experiências também apareceram e como suas vivências profissionais afetaram o desenvolvimento da carreira.

Assim, Fábio e Diva, apesar de possuírem diferentes histórias de vida, essas se cruzam e se assemelham pelo mal-estar sofrido. Também, ambos relataram que não sabiam que a síndrome

do esgotamento profissional já é reconhecida pelo Ministério da Saúde como doença. Também tiveram o desenvolvimento profissional marcado pela descontinuidade, ele porque abandonou e ela porque se afastou. Com isso, percebemos que as histórias de vida são reveladoras da docência e do desenvolvimento profissional.

Segundo Souza (2006, 2007), as histórias de vida se adentram no campo subjetivo e concreto das representações de professores, relacionando-o aos ciclos de vida. As histórias de vida se articulam com o desenvolvimento profissional docente e a carreira. As experiências de vida dos colaboradores da pesquisa se relacionam à carreira e determinam as suas escolhas, direcionando o desenvolvimento profissional.

As carreiras desses sujeitos permitem a compreensão da vida e vice-versa. Bolívar (2002, p. 75-76) nos esclarece que:

O ciclo de vida dos professores e professoras pode ser compreendido a partir da carreira profissional e associado ao desenvolvimento da vida no trabalho. O conceito de carreira é um dispositivo analítico formulado pelos sociólogos da Escola de Chicago, particularmente pela obra de Hughes [...]. O curso profissional pode ser descrito pelo sujeito retrospectivamente ou antecipar aquilo que se espera – e, por isso mesmo, não se restringe às trajetórias profissionais associadas à ascensão no trabalho, contemplando também a experiência da vida como um todo.

Nessa perspectiva, as dimensões objetivas e subjetivas da carreira se relacionam, se articulam. “A carreira funciona como um dispositivo de socialização de um contexto institucional composto por normas e prescrições e a evolução da carreira pode apresentar retrocessos e descontinuidades” (FERREIRA, 2014, p. 44). Dessa forma, Fábio e Diva narraram em suas histórias avanços, retrocessos e (des)continuidades.

Fábio e Diva não relataram problemas de mal-estar anteriores a carreira docente, ou seja, de terem sido atingidos quando desenvolviam outras atividades profissionais. Somente que na carreira docente foram atingidos. As histórias de vida deles se relacionam com a carreira. Fábio sempre foi considerado inteligente e sua afinidade voltada para a área de Ciências Exatas; Diva iniciou a carreira como professora e sempre teve sua vida relacionada ao contexto social, e sua área de formação é uma confirmação de suas afinidades.

Desenvolver-se profissionalmente significa articular vida pessoal e profissional; significa viver a profissão. O desenvolvimento profissional não se inicia quando entramos na carreira docente, tem início antes, pois as experiências pessoais anteriores a carreira funcionam como dispositivos formativos para o desenvolvimento profissional docente; nós utilizamos as experiências anteriores para sermos os professores que somos, para nos fazermos professores.

Diante dos relatos expostos e dos conhecimentos adquiridas com os teóricos, fica evidente que o mal-estar docente não escolhe sexo (ou gênero), pode acometer homens e mulheres com idades diferentes e em etapas diferentes da carreira. Com base nesta pesquisa, Fábio foi atingido pelo mal-estar docente logo no início de sua carreira, já Diva foi atingida em uma fase ampla de experiência como docente. O mal-estar docente teve como consequência em nossos dois casos o abandono e o desvio de função. Fábio abandonou a profissão e decidiu estudar para concursos que lhe oferecessem oportunidades e condições melhores de trabalho; Diva não atua mais em sala de aula, pois ocupa outra função dentro da Secretária Municipal de Educação. Assim, a carreira profissional dos dois colaboradores foi comprometida pelo mal-estar.

Portanto, o mal-estar docente atinge o indivíduo de diferentes maneiras e com diferentes doenças, no primeiro caso ocorreu um derrame ocular com perda de cabelo que também ocasionou uma perda de peso significativa para Fábio. No caso da professora Diva ocorreu uma depressão que necessitou de tratamento em Centro



Especializado com acompanhamento e que também foi acompanhado de uma perda de peso considerável da mesma.

Fica evidente nos dois casos a descontinuidade da carreira, isto é fato marcante do mal-estar docente, pois acontece uma interrupção no processo da carreira docente e da continuidade do desenvolvimento profissional, sendo no caso da professora Diva o afastamento do trabalho, apresentando atestados médicos devido a sua doença (houve uma descontinuidade do processo); e, no caso de Fábio, a partir da desistência definitiva da profissão docente, interrompendo (descontinuando) seu desenvolvimento profissional docente.

Quando o indivíduo é atingido pelo mal-estar docente acontece um processo de desordem em sua vida tanto profissional quanto pessoal, ou seja, muda toda sua história, por exemplo, Fábio desistiu da profissão de ser professor e teve que encontrar outro caminho a seguir, outra profissão a exercer, obrigando o indivíduo a buscar novas oportunidades no mercado de trabalho, onde muitos são acometidos pela insegurança e o medo de não mais conseguirem se reerguer profissionalmente.

Outro fator de importância é o intervalo entre desistir e se estruturar novamente, como se desenvolverá a situação financeira de um profissional que possui uma família com a qual tem responsabilidades de cuidar e zelar pelo bem de todos? E aquele professor que não desiste, mas que é desviado de sua função se depara com a angústia de se adaptar a outras funções que lhe são impostas, em muitos casos funções que não se diferenciam muito da função professor. Desta forma, fica evidente mais uma vez que as histórias de vida estão atreladas ao desenvolvimento profissional.

Nos casos aqui descritos, ambos os professores não queriam exercer ainda quando estudantes de ensino médio e não imaginavam que se tornariam professores atuantes em sala de aula. Questionamos se este fato de não querer a docência não estaria entrelaçado à questão do adoecimento, mais tarde, no processo de sua carreira. Inferimos

que é como se já existisse no “não me imaginava” ou no “não queria ser professor” uma pré-disposição para o adoecimento mais tardio. Mas vale salientar que isso não se aplica a todos os casos, pois existem professores que não queriam ser docentes e hoje são realizados naquilo que fazem. Essa e outras situações fazem o mal-estar docente ficar atrelado às histórias de vida e ao modo como esses profissionais se desenvolvem na carreira, após terem sido atingidos por esse mal.

Fica evidente que o professor só é afastado do ofício de atuar em sala de aula quando o “afetar-se” pelo mal-estar docente passa a ser de ordem psíquica, de modo que interfira em seu comportamento habitual e o afete fisicamente de forma visível, ou seja, a doença seja diagnosticada. O setor de Recursos Humanos responsável por alocar os atestados médicos desses professores juntamente com a Secretária de Educação que se encarrega de receber protocolos desses atestados emitidos por professores, profissionais que fazem isso com intervalos muito pequenos, questão de 3 ou 4 dias, deveriam ter um maior compromisso juntamente com a Secretaria de Saúde em tomar providências, a fim de evitar os acometimentos de muitos professores por este mal. Se assim fosse, evitaria um grande número de atestados, uma das opções talvez fosse trocar os professores de modalidades de ensino, testar novas possibilidades. E prestar mais atenção à saúde do corpo docente de cada município, dando-lhe apoio, não esperando que professores tenham diagnósticos de depressões graves e em alguns casos até irreversíveis como diagnósticos de doenças psicológicas crônicas.

Compreendemos que o mal-estar docente deixa marcas profundas, mas que se diferenciam de acordo com a história de vida de cada sujeito. E, também, que professores atingidos pelo mal-estar docente não voltam mais a lecionar, pois passam a exercer outros cargos e funções longe da sala de aula ou optam por exercer outra profissão.

Dessa forma, as histórias de vida anteriores e posteriores ao mal-estar docente têm relação direta com a vida pessoal e profissional de Fábio e Diva. Fica evidente que ao ser atingido profissionalmente, a

doença interfere também na vida pessoal do sujeito. Assim, a falta de compreensão do mal-estar docente está, certamente, ligada às histórias de vida.

A sociedade e muitos professores não incluem o mal-estar docente no rol de doenças capazes de causar sofrimento e sérios danos à vida contextual de um docente, mas esta atinge e traz consequências para a vida pessoal e profissional. O governo juntamente com a gestão escolar, Secretaria de Educação e Secretaria de Saúde poderiam diminuir os casos de mal-estar docente se esses profissionais fossem “vistos” e melhor observados e cuidados, e tivessem um acompanhamento e políticas de implantação de programas que permitissem a identificação do início do mal-estar docente nas escolas.

Assim, todos estamos vulneráveis, o mal-estar pode atingir qualquer profissional e mudar totalmente o curso de vida da pessoa e do profissional atingido. É fato que as nossas histórias de vida nos conduzem por trajetórias específicas, diferentes uns dos outros. Fábio e Diva seguiram caminhos diferentes antes e depois do mal, mas apresentam histórias cruzadas num determinado momento da vida. A carreira deles também mudou de curso e, conseqüentemente, o desenvolvimento profissional.

### **Considerações finais**

Por meio da realização deste trabalho ficou evidente que o mal-estar docente é uma realidade constante na vida de muitos profissionais da educação e que todos, ao ingressarem na carreira docente, estão suscetíveis a este mal. Foi observado também que o mal-estar docente precisa ser compreendido e melhor entendido por esses profissionais, pois muitos adoecem e continuam doentes em sala de aula, sem ao menos compreenderem suas causas e porque sofrem tanto.

O mal-estar docente pode atingir profissionais de diferentes idades e em diferentes fases da carreira. Tanto correm risco professores iniciantes como professores com vasta experiência em sala

de aula, também o mal-estar docente não escolhe gênero podendo atingir, assim, qualquer indivíduo. Constatamos que ao serem atingidos por este mal há sempre uma ruptura no desenvolvimento profissional – este mesmo não retoma seus fazeres anteriores. Ficou evidente, aqui, que professores atingidos pelo mal-estar docente raramente voltam a administrar uma sala de aula, e passam, sim, a ocupar outras funções, quando não desistem de vez da profissão de professor.

Nesse contexto, consideramos que o mal-estar docente começa com uma inquietação de que algo não vai bem, um sentimento de fracasso e insegurança. Este sentimento pode aumentar de acordo a atenção que a instituição dá ao indivíduo, pois ficou bem claro que a própria instituição de ensino, assim como a sua direção coordenadora podem ser fatores constituintes do mal-estar docente. Sentimentos esses que atingem o campo psicológico, causando depressões e doenças relacionadas ao estresse, como derrame, perda de cabelo e peso considerável, levando esses profissionais ao afastamento da sala de aula para se tratarem através do uso de medicamentos e acompanhamentos especializados.

Assim, as narrativas das histórias de vida foram indispensáveis para alcançarmos o objetivo proposto, pois, através delas, foi possível conhecer a história pessoal e profissional do sujeito que narra e o entrelaçamento das vivências que vão delineando o desenvolvimento da carreira profissional docente.

## Referências

ALBUQUERQUE, Rosangela Nieto de. Sem estresse professor! Acho que você está com Burnout! O sofrimento dos professores. **Construir Notícias**, v. 13, n.73, nov./dez., 2013.

BARROS, Adriana. Síndrome de Burnout em docentes: suas causas e estratégias para ser enfrentada. **Construir Notícias**, v. 13, n.73, nov./dez., 2013.

BOLÍVAR, Antonio (Org.). **Profissão Professor**: o itinerário profissional e a construção da escola. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. **Doenças relacionadas ao trabalho**. Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos; n. 114. Brasília, DF. 2001. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas\\_relacionadas\\_trabalho1.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_relacionadas_trabalho1.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2014.

CAVACO, Maria Helena. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, Antonio. (Org.). **Profissão Professor**. Lisboa: Porto Editora, 1995.

ESTEVE, José Manoel. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Profissão Professor**. Lisboa: Porto Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Lúcia Gracia. **Professores da zona rural em início de carreira**: narrativas de si e desenvolvimento profissional. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, 2014.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editor, 1999.

GONÇALVES, José Alberto M. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

LAGE, Nildo. O burnout: por que os professores sofrem? **Construir Notícias**, v. 13, n. 73, nov./dez., 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial. In: SATO. **Histórias de Vida e Formação de professores**. [S.l.]: SEED-MEC, 2007.

VIEIRA, Jarbas Santos et al. Constituição das doenças da docência. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 37, set./dez. 2010.